



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 15 de outubro de 2025)) Ano XXV)) Nº 1204
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

DIVULGAÇÃO

M.AMBIENTE

**Microplástico
em 709 praias
do país)) 4**



ARTIGO

**100 anos
de Dionísio
del Santo)) 2**



ESHOJE

CULTURA

**A trajetória
de Guilherme
Brasil)) 5**



DIVULGAÇÃO

Reforma Tributária e os preço dos combustíveis

Com a transição para um novo sistema de arrecadação, o consumidor pode sentir, no bolso, especialmente o valor da gasolina, do etanol e do diesel)) **3**

DIVULGAÇÃO



GIULIANO DE MIRANDA

O rigor da forma e a liberdade da sombra

Comemorar o centenário de Dionísio del Santo é uma oportunidade de revisitar não apenas a trajetória de um dos artistas mais importantes do Espírito Santo, mas também de repensar o lugar da abstração geométrica no Brasil. Poucos artistas souberam aliar o rigor da forma à liberdade do gesto com a mesma sutileza e persistência.

Del Santo construiu uma poética que atravessa o tempo: silenciosa, metódica, disciplinada e, ao mesmo tempo, profundamente intuitiva. Seu legado, que se mantém vivo nas coleções públicas e privadas, nos museus e na memória dos artistas capixabas, convida à contemplação e ao pensamento lento — virtudes cada vez mais raras em tempos de aceleração.

Autodidata por natureza e convicção, ele iniciou seus estudos em Santa Teresa, onde frequentou o Seminário São Francisco de Assis entre 1932 e 1939. No pós-guerra, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como desenhista, publicitário e ilustrador, aprofundando-se em técnicas gráficas que mais tarde se tornariam centrais em sua carreira. A gravura e a serigrafia, linguagens que exigem precisão, planejamento e paciência, revelaram nele o gosto pela multiplicação da imagem e pela experimentação formal. Em um país onde a arte moderna consolidava seus primeiros sistemas de circulação, Del Santo foi um dos pioneiros a perceber o potencial democrático das técnicas reprodutíveis — um artista que via no múltiplo não a perda da aura, mas a expansão do olhar.

A arte de Del Santo situa-se em uma zona de tensão entre a geometria e a figuração. Mesmo nas obras mais abstratas, há sempre uma pulsação orgânica, um vestígio de corpo, sombra ou forma reconhecível. O que poderia ser uma pesquisa puramente racional sobre linhas e proporções transforma-se, em suas mãos, em um campo de experimentação sensível. Ele não obedece cegamente aos cânones concretistas; ao contrário, os desafia, torcendo a forma até o ponto em que o cálculo encontra o acaso. Sua geometria não é rígida, é respirante. Suas composições, por vezes austeras, carregam uma vibração interna que desestabiliza o olhar e o convida à pausa.

A escolha pela serigrafia indica também um interesse pela multiplicidade e pela variação. Cada tiragem e cada matriz carrega pequenas diferenças que tornam o múltiplo uma forma de singularidade. Há nisso uma lição estética que permanece atual: o rigor não elimina a liberdade, mas a potencializa. Em Del Santo, a série não é monotonia, mas investigação. Cada repetição contém uma leve inflexão do tempo, um pequeno desvio de respiração entre as formas, como se o artista traduzis-

se graficamente a oscilação entre o controle e o impulso. Em um mundo regido por excessos, sua obra nos ensina a valorizar o mínimo: o intervalo entre uma linha e outra, a sutileza de uma sombra, o eco contido de uma cor.

Nos anos 1950 e 1960, quando o concretismo e o neoconcretismo agitavam o cenário artístico brasileiro, Dionísio del Santo manteve um diálogo discreto com essas correntes, preservando uma autonomia notável. Sua obra dialoga com os concretos pela disciplina e clareza formal, mas se aproxima dos neoconcretos pelo desejo de subjetividade e pela recusa ao dogma. Suas composições não são frias nem matemáticas: elas têm uma temperatura interna, uma vibração quase espiritual.

O artista soube dar à abstração um caráter meditativo, transformando o exercício plástico em um espaço de contemplação. Enquanto artistas do eixo Rio-São Paulo ganhavam projeção internacional, Del Santo construía, a partir do Espírito Santo, um modernismo silencioso e consistente, que resistiu às modas e permaneceu fiel a si mesmo.

O reconhecimento institucional, no entanto, foi lento. Mesmo

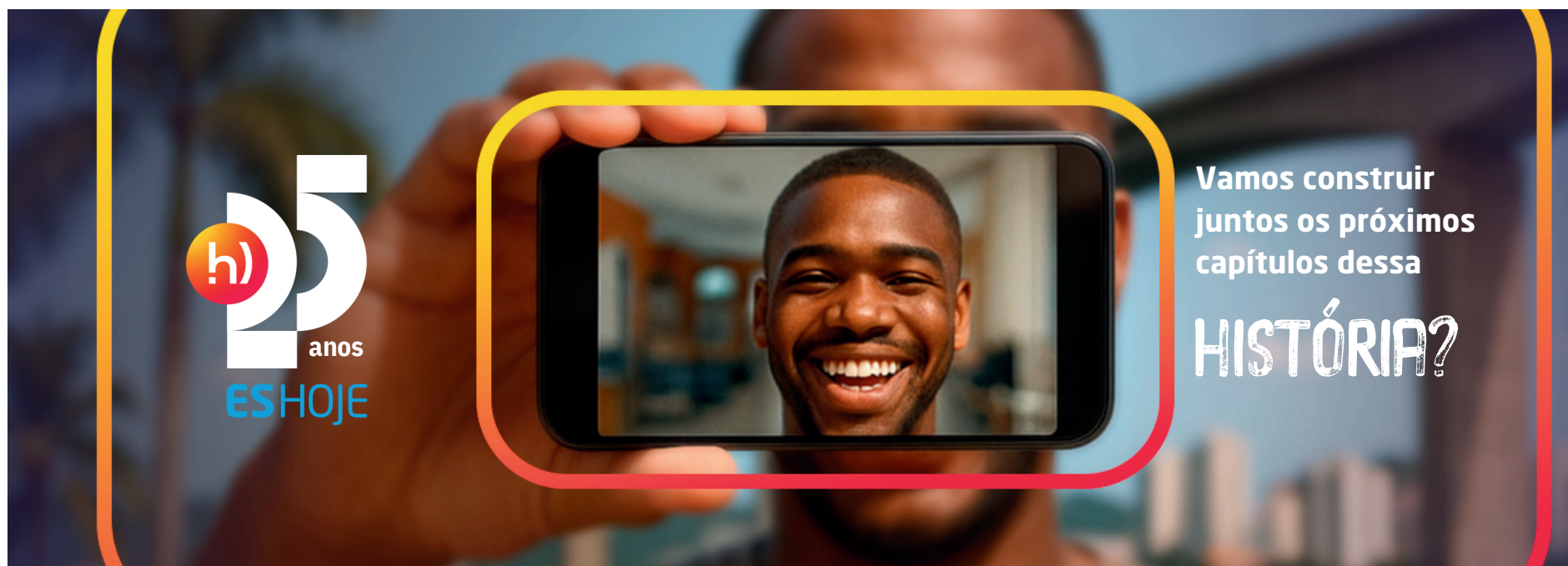
premiado por críticos e exposições de relevo, sua obra só começou a ser amplamente incorporada aos grandes acervos nacionais depois de sua morte, em 1999. O Museu de Arte do Espírito Santo, que hoje leva seu nome, tornou-se símbolo dessa consagração póstuma. Nomear o principal museu de arte do estado em sua homenagem é um gesto justo e necessário: assegura que sua memória permaneça viva e reconhece o impacto de sua produção na formação de gerações de artistas capixabas. Mas também impõe uma responsabilidade às instituições culturais: manter vivo o debate sobre sua obra, promover novas leituras, estimular a crítica e o estudo continuado de seu legado.


No centenário de seu nascimento, é inevitável questionar o lugar de Dionísio del Santo na história da arte brasileira. Embora presente em coleções, exposições e catálogos de referência, ele ainda não ocupa o mesmo espaço de visibilidade que outros artistas concretos e abstratos de sua geração. Talvez porque sua obra, profundamente silenciosa, não se preste a leituras rápidas ou espetaculares. Ela exige tempo — tempo para ser olhada, compreendida e atravessada. Sua arte convida ao

recolhimento, à observação atenta, à pausa necessária entre o olhar e o entendimento.

Hoje, quando o excesso de imagens e de estímulos parece dissolver qualquer noção de contemplação, revisitar Del Santo é um gesto de resistência. Suas serigrafias e gravuras lembram que a verdadeira modernidade não é barulhenta, mas meticulosa. Em sua paleta contida e em suas formas rigorosas, há algo de profundamente humano: a tentativa de encontrar harmonia dentro do caos. Sua arte não grita — sussurra. E nesse sussurro há uma força que atravessa o tempo, um convite à sensibilidade e à introspecção.

Celebrar os 100 anos de Dionísio del Santo é, portanto, mais do que um exercício de memória. É um convite à escuta e ao olhar. Ele é um daqueles artistas que ensinam a ver — e, sobretudo, a ver devagar. Sua obra nos desafia a redescobrir a força do essencial, a beleza da repetição e a delicadeza dos intervalos. Cem anos depois de seu nascimento, o que permanece não é apenas a geometria ou a cor, mas a ética do olhar que ele nos legou: o compromisso com o tempo, com o detalhe, com o silêncio que existe antes e depois da forma.





25 anos
ESHOJE

Vamos construir juntos os próximos capítulos dessa HISTÓRIA?

Regras da tributação vão afetar valor de combustível

A nova legislação prevê que a cobrança seja realizada concentrando em etapa única comercial

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Um tema sensível e relevante para o cidadão na Reforma Tributária é o impacto que a nova legislação terá sobre o preço dos combustíveis. Com a transição para um novo sistema de arrecadação, o consumidor pode sentir, no bolso, os efeitos das alterações — especialmente no valor final da gasolina, do etanol e do diesel.

De acordo com Paulo Henrique Barbosa, mestre em Direito Constitucional e Processual Tributário pela PUC/SP, a proposta da reforma é substituir tributos já conhecidos do brasileiro, como PIS, COFINS, ICMS e ISS, por dois novos tributos: a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), de competência federal, e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), de competência compartilhada entre estados e municípios. No caso dos combustíveis, a tributação continuará a ser feita por um regime especial, mas com mudanças significativas no formato e na base de cálculo.

"A exemplo de muitos outros, o setor de combustíveis também será diretamente impactado pelas mudanças promovidas pela Reforma Tributária no Brasil. Com a transição para o nosso sistema o consumidor brasileiro pode sentir no bolso o efeito dessas alterações. Uma, porque se os tributos aumentarem demais, isso vai afetar diretamente o quanto o cidadão gasta para abastecer seu carro ou sua moto. Em segundo lugar, porque o aumento do custo do diesel pode impactar indiretamente o custo de outros produtos que o cidadão também compra. Combustível caro encarece frete, frete caro deixa produtos caros", explicou o especialista.

Seguindo o modelo atual de alguns produtos, a nova legislação prevê que a cobrança seja realizada de forma monofásica, ou seja, concentrada em uma única etapa da cadeia comercial — geralmente na refinaria ou na usina produtora. Essa concentração tende a simplificar a apuração dos tributos e a trazer maior transparência ao consumidor, que poderá entender melhor



A expectativa é que os novos tributos entrem em vigor de forma gradual entre 2026 e 2033

quanto paga de imposto por litro de combustível.

Um ponto relevante do novo sistema é que a CBS e o IBS não incidirão sobre o preço final de forma percentual, como ocorrerá com diversos produtos. Em vez disso, o governo definirá um valor fixo por litro de combustível, que será multiplicado pela quantidade comercializada. Isso significa que a tributação será feita com base em um valor nominal por litro, o que pode facilitar o controle e a previsibilidade de preços.

No caso da CBS, a nova Constituição determina que a União não poderá fixar valores nominais superiores aos que já são cobrados atual-

mente com PIS e COFINS. Em tese, isso assegura que não haverá aumento de carga tributária federal sobre os combustíveis, o que é um alívio parcial para o consumidor.

Por outro lado, a mesma lógica não se aplica ao IBS. Para esse imposto, que substituirá o ICMS, não há nenhum limite constitucional definido, o que abre espaço para que os estados — por meio do Comitê Gestor que será criado — fixem estes valores conforme sua própria conveniência, que deverão ser uniformes em todo o território brasileiro, podendo causar desequilíbrios de região para região.

Em um cenário ideal, a simplificação trazida pela Refor-

ma pode representar ganhos operacionais para o setor e preços mais estáveis para os consumidores. No entanto, a ausência de travas para os estados e o formato ainda em fase de regulamentação deixam margens de incerteza quanto aos efeitos práticos da mudança.

A expectativa é que os novos tributos entrem em vigor de forma gradual entre 2026 e 2033. Até lá, resta acompanhar atentamente a regulamentação e os desdobramentos das decisões políticas para entender como, na prática, a reforma tributária vai afetar os preços dos combustíveis e o orçamento das famílias brasileiras.

DIVULGAÇÃO

EXEMPLIFICANDO:

Antes da Reforma (sistema atual)

- Hoje, quando você abastece, o preço da gasolina já inclui vários tributos diferentes:

- **FEDERAIS:** PIS e COFINS.
- **ESTADUAIS:** ICMS (que varia em cada estado).
- **MUNICIPAIS:** ISS (em alguns serviços ligados ao setor).

- A cobrança é complexa e fragmentada. Por exemplo, parte é cobrada na refinaria, outra na distribuição, outra no posto. O consumidor dificilmente sabe quanto de imposto está embutido em cada litro.

Depois da Reforma (novo sistema)

- Os impostos serão substituídos por apenas dois:

- **CBS** (federal).
- **IBS** (estadual e municipal, unificado).

- E no caso dos combustíveis, haverá um regime especial:
- A cobrança será monofásica: feita de uma só vez na refinaria ou na usina produtora.
- O imposto será um valor fixo por litro (exemplo: R\$ 1,00 de imposto por litro), e não mais uma porcentagem do preço final. Isso significa que, mesmo que o petróleo fique mais caro ou mais barato, o imposto não muda — ele é sempre o mesmo por litro.

- **TRANSPARÊNCIA** aumenta, mas o preço final depende de quanto os estados vão definir no IBS.

- **IMPACTOS** para o consumidor: Mais transparência: ficará claro quanto de imposto é pago por litro.

- **PREVISIBILIDADE:** imposto não sobe só porque o petróleo subiu.

- **RISCO** de aumento regional: estados podem usar o IBS para elevar arrecadação, o que pode pesar no bolso dependendo da região.

- **TRANSIÇÃO** longa (2026-2033): os preços podem oscilar até a adaptação completa.

Microplásticos detectados em 709 praias brasileiras

Estudo aponta que diversas variáveis interferem na poluição por microplásticos no litoral

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A maioria das praias brasileiras está poluída por microplásticos, mas o risco ecológico causado pela contaminação é mais acentuado em alguns locais. É o que concluiu a maior pesquisa já feita no país sobre a presença dessas partículas no litoral.

Cientistas percorreram 7.500 quilômetros de norte a sul do Brasil e coletaram amostras de areia em 1.024 praias. O estudo abrangeu mais de 90% da costa nacional e cobriu todos os 17 estados banhados pelo oceano Atlântico.

As análises detectaram a presença de microplásticos em 709 praias, ou 69% dos locais mapeados. Em média, a concentração é de 27 partículas por quilograma de areia no litoral brasileiro.

O projeto MicroMar, liderado pelo Instituto Federal Goiano, recebeu financiamento de R\$ 1 milhão do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). O trabalho envolveu nove expedições científicas e mobilizou cerca de 50 pesquisadores de diversas instituições.

Mais de 4.100 amostras de sedimentos (ao menos 3 por praia) foram coletadas de abril de 2023 a abril de 2024. As análises

foram conduzidas no Laboratório de Toxicologia Aplicada ao Meio Ambiente do Instituto.

Os cientistas foram a todos os locais possíveis de chegar com carro e excluíram áreas privadas ou acessíveis apenas por barco, o que explica a lacuna em trechos da costa do Amapá, do Pará e do Maranhão.

"Pesquisas como a nossa ajudam a dar visibilidade científica a um problema que já deixou de ser invisível: os microplásticos são hoje um novo marcador ambiental, e compreender sua distribuição é um passo indispensável para orientar políticas públicas baseadas em evidências", afirma Guilherme Malafaia, professor do departamento de Ciências Biológicas do IF Goiano e coordenador do trabalho.

Os primeiros resultados, publicados no final de setembro na revista científica *Environmental Research*, mostram um retrato inédito da contaminação por esses poluentes. "É louvável o esforço de se fazer um trabalho dessa magnitude para trazer informações sobre um contaminante que afeta o ambiente marinho, especialmente as praias", diz o pesquisador Alexander Turra, coordenador da cátedra da Unesco para a sustentabilidade dos oceanos, que não participou da elaboração do estudo.

A contagem foi restrita a fragmentos com dimensões de 300 micrômetros a 5 milímetros -maiores que a espessura de dois fios de cabelo e menores que a borracha na ponta de um lápis. Os plásticos mais encontrados foram o polietileno, o polipropileno e o isopor.

A praia com maior concentração de microplásticos do país é Barrancos, em Pontal do Paraná (PR), com 3.483,4 partículas de plástico por quilograma de areia. Na sequência, vem Balneário Grajaú, na mesma cidade paranaense. A terceira posição é ocupada pela orla de Olinda (PE).

NÚMEROS

3.483,4

partículas de plástico/kg de areia encontradas em praia do PR

1 partícula

de PVC é equivalente a 909 partículas de polietileno



DIVULGAÇÃO

Em média, a concentração é de 27 partículas por quilograma de areia no litoral brasileiro

Formato de praias

O ESTUDO aponta que diversas variáveis interferem na poluição por microplásticos no litoral, incluindo a influência urbana e a proximidade de portos, rodovias e refinarias de petróleo. O formato da praia também é relevante: locais mais "fechados", com aberturas estreitas para o oceano, parecem menos sujeitos à contaminação por meio de correntes marítimas.

A presença de rios poluídos e canais de esgoto no entorno foi associada a altas concentrações de partículas nas areias de estados como Pará, Maranhão, Piauí, Sergipe, Bahia e Paraná. Por outro lado, a presença de estruturas para descarte adequado de resíduos nas orlas coincidiu com menores concentrações de microplásticos. Causou surpresa aos cientistas a ausência de partículas em praias muito frequentadas, como a de Copacabana, no Rio de Janeiro, enquanto outros locais pouco visitados apresentaram

grande carga de poluentes, sugerindo uma contaminação à distância.

"O plástico por si só é apenas a ponta do iceberg", diz o pesquisador Thiarlen Marinho, primeiro autor do estudo. "Existem aditivos químicos altamente tóxicos e perigosos para o meio ambiente. Quando o plástico se quebra ao longo dos anos, esses compostos são liberados."

Alguns materiais chegam a ser centenas de vezes mais perigosos que outros, graças aos aditivos. "Para o índice de perigo do polietileno [um dos plásticos mais comuns] se equiparar ao do PVC, é preciso de 909 partículas de polietileno. Ou seja, uma partícula de PVC é equivalente a 909 partículas de polietileno em termos de periculosidade", afirma Marinho.

A discrepância motivou a criação de um índice no estudo que considera a quantidade de poluentes e o tipo de plástico encontrado no local.

A medida (que não tem uma unidade) representa o risco ecológico de contaminação por microplástico em cada um dos pontos analisados.

A praia Paraíso, em Torres (RS), lidera o ranking. Na segunda posição, vem Espigão do Acaraí, em Caucaia (CE), e Monsuaba, em Angra dos Reis (RJ). As regiões Sul e Sudeste concentram altos níveis de risco.

A intenção dos pesquisadores ao listar o grau de perigo aos ecossistemas em cada praia é identificar as áreas prioritárias para ações de controle e fiscalização.

O presidente Lula (PT) sancionou em outubro um decreto que cria a Estratégia Nacional Oceano sem Plástico, que tem o objetivo de prevenir, reduzir e eliminar a poluição por plástico no oceano até 2030. O plano será liderado pelo MMA (Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima). (Folhapress)



ACERVO PESSOAL

“Pesquisas, como a nossa, ajudam a dar visibilidade científica a um problema que já deixou de ser invisível”

Guilherme Malafaia, pesquisador

Escuta ancestral que revela encruzilhadas e a diáspora

O artista visual Guilherme Brasil fala sobre sua trajetória, atravessamentos e projetos

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Há cinco anos no Espírito Santo, o baiano de Porto Seguro Guilherme Brasil iniciou sua caminhada como artista visual, pesquisador e arte-educador. Com uma caminhada marcada por coragem, deslocamento e ancestralidade, ele é uma pessoa preta retinta, que leva consigo uma trajetória atravessada pela memória, e coletividade.

Atualmente, Guilherme compõe como arte-educador no Sesc Glória, tendo integrado anteriormente o corpo de educadores do Parque Cultural Casa do Governador e da Galeria Espaço Universitário (GAEU).

Sua prática envolve pintura, escultura, desenho e instalações que dialogam com a ancestralidade africana, o afrofuturismo e as encruzilhadas de Exu. Em 2025, prepara a exposição coletiva Rios Voadores, ao lado de Valentim Faria e Yasmin Cerqueira, na Galeria Homero Massena, marco importante em sua trajetória por ser o resultado de seu primeiro edital contemplado.

Nesta entrevista, Guilherme fala sobre sua trajetória, seus atravessamentos e seus projetos futuros.

“Como educador, quero criar experiências formativas para jovens negros”

ES Hoje: Como ancestralidade, gesto e memória atravessam sua produção e moldam sua poética visual?

Guilherme Brasil: Meu trabalho nasce das experiências em Porto Seguro, território onde minha ancestralidade e memória se iniciam. Minhas memórias familiares ganham forma na criação. Ao migrar para o Espírito Santo, entendi que meu começo é guiado por uma escuta ancestral que revela encruzilhadas e a diáspora. Minha poética visual se constrói no encontro, na partilha e na liberdade dos corpos negros de projetarem futuros. A cor preta, para mim, é campo de liberdade e imaginação. Em cada corpo, carrego a força vital da vida: o axé.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O trabalho de Brasil nasce do desenho, pintura e linguagens que dialogam com comunicação e partilha

A coletividade e os diálogos com outros artistas negros aparecem como forças centrais na sua trajetória. Como você enxerga a importância dessas trocas na construção afrofuturista nas artes visuais?

Trilhar um caminho nas artes visuais é desafiador, pois não existe criação isolada, especialmente em trajetórias negras e coletivas. Meu trabalho nasce do desenho, da pintura e outras linguagens que abrem encruzilhadas de comunicação e partilha. Criar junto é libertador e carrega memórias, afetos e histórias. A coletividade e o diálogo com artistas negros são centrais na minha arte e na arte-educação, onde proponho experiências acessíveis que unem o afrofuturo à criação, reconhecendo a arte como campo de encontro, escuta e transformação.

Você menciona Exu e as encruzilhadas não como desordem, mas como espaços de decisão e reinvenção. Como essa visão espiritual e simbó-

lica influencia suas obras?

A figura de Exu e o símbolo da encruzilhada atravessam meu trabalho como chaves que se abrem a percepção do tempo curvo, com vínculos espirituais e criativos. Não vejo a encruzilhada como desordem, mas como um espaço de decisão, abertura e reinvenção. Minha pesquisa se dá fortemente a partir da obra Reconexão Afrofutura, em que as conexões do tempo Exu aparecem como signo, aquilo que organiza os caminhos e constrói passagens no tempo. Nesse trabalho, compreendo a criação como encruzilhada viva, onde nossos corpos se conectam e se reconectam com a ancestralidade, reativando memórias, afetos e saberes que nos mantêm em movimento. Ao riscar, traçar ou pintar, entendo essa performance de passagem e comunicação, tal como o tempo que movimenta e se curva. Me interessa construir uma estética que venha das tecnologias negras, da oralidade, da intuição e da presença, onde a arte se torna um modo de se manter vi-

vo, de afirmar a existência preta e de curar o que foi rompido. Através da criação, geramos comunicação com o tempo, com os que vieram antes e com os que ainda virão.

O projeto Casa Brasil surge como um espaço de criação, convivência e fortalecimento de jovens artistas.

A Casa Brasil nasceu da necessidade de partilhar, como um gesto de afeto. Começa no espaço da minha casa de criação no Espírito Santo e, aos poucos, foi se tornando um lugar coletivo, onde amigos vinham criar, conversar e ser. Carrega meu sobrenome e a potência da escuta, da partilha e do fortalecimento. Aos poucos, pode se transformar em um ateliê aberto, seguro e vivo, onde arte e vida se misturam para jovens artistas pretos e periféricos.

Você está preparando a exposição coletiva Rios Voadores, o que o público pode esperar dessa mostra?

Rios Voadores nasce do dese-

jo de continuidade: da caminhada iniciada com Metro Quadrado e das nossas trajetórias como artistas negros em diálogo com o tempo, o território e a ancestralidade. Inspirada por Futuro Ancestral, de Ailton Krenak, a exposição reúne três artistas da Bahia, Rio e Espírito Santo, que se encontram como rios que voam, cruzam territórios e fazem chover arte, memória e presença na Galeria Homero Massena.

Olhando para o futuro, quais são seus maiores desejos e projetos como artista, pesquisador e educador?

Desejo que meu trabalho alcance novos espaços e que minha arte, enquanto jovem artista preto e independente, siga como força de transformação. Estou focado na exposição Rios Voadores e em conexões com artistas de diferentes linguagens. Como educador, quero criar experiências formativas para jovens negros. Também pretendo iniciar um mestrado para aprofundar pesquisas sobre corpo, afrofuturo e ancestralidade nas artes visuais.



DIVULGAÇÃO

“A figura de Exu e o símbolo da encruzilhada atravessam meu trabalho como chaves que se abrem a percepção do tempo curvo, com vínculos espirituais e criativos”